

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



Cidade De Deus: Desvelando Narrativas De Um Território Esquecido

Evanilda Teles dos Santos Pedrosa^{*1}, Everton Sant'ana dos Santos¹

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

* vanynh4@hotmail.com

Trabalhos completos – GT 02 - Etnia, Gênero e Diversidade Sexual

RESUMO

A presente proposta apresenta uma breve análise das discussões interseccionais do documentário intitulado **“Cidade de Deus: Um território esquecido pelos homens”** apresentado no Terceiro Encontro Continental de Estudos Afro-Latino-Americano ALARI 2024, promovido pela Universidade de Harvard, na Faculdade de Direito da USP. A proposição por sua vez, visa elucidar as contribuições sociais e o legado ancestral, especificamente as mulheres negras, moradoras do bairro cidade de Deus, localizado em uma área periférica do município de Jaguaquara/BA e como a ausência de políticas públicas eficazes, afetam a saúde, a qualidade de vida, a escolarização, as identidades e alargam as desigualdades existentes em decorrência aos estigmas sociais dos moradores deste *lócus*. A pesquisa utilizou de diversas abordagens metodológicas e técnicas distintas de construção dos dados. Adotamos uma abordagem qualitativa na realização de entrevistas com participantes, uma vez que ela não se baseia em critérios numéricos para garantir sua representatividade, utilizando a técnica de História Oral de Vida.

Palavras-chave: Ancestralidade. Identidade Étnica. Desigualdades.

Submetido em: 30/09/2024 | **Aceito em:** XX/XX/2024 (não preencher)

Introdução

A disputa por territórios sempre existiu entre os Homens desde os primórdios da humanidade, desta forma, os grupos sempre estiveram em busca da dominação de outros grupos. Historicamente em nosso país, o domínio dos corpos se estrutura a partir das categorias raça, gênero e classe.

No cenário contemporâneo, Jaguaquara se insere nesse território de disputa, onde as marcas do colonialismo persistem. A cidade está situada na região do Vale do Jequiriçá, a aproximadamente 365 km da capital baiana. Em suas raízes históricas, há influência cultural de diversos povos, com contribuições notáveis dos imigrantes italianos, japoneses e portugueses. No entanto, observa-se o apagamento das contribuições dos povos originários e africanos na formação inicial da cidade, cujo nome tem origem na língua *Tupi Guarany*, sendo este um território de origem indígena.

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



Este artigo emerge dos questionamentos desta pesquisadora, enquanto mulher negra, professora, mãe e cidadã jaguaquarense, que tensiona os problemas sociais existentes dentro deste território tão singular e plural. As aproximações com estes sujeitos se deram enquanto professora e pelas aproximações com a comunidade, o que nos possibilitou analisar as lacunas que atravessam as identidades, fragilizando-as em sua interseccionalidade (gênero, raça e classe), bem como nas relações com o mundo do trabalho e na garantia de acesso às políticas públicas, especialmente à educação.

Dessa forma, a presente proposta objetiva trazer à luz a seguinte indagação: De que maneira as "(in)visibilidades" sociais das mulheres negras residentes no bairro Cidade de Deus, em Jaguaquara-BA, afetam suas identidades, as relações de trabalho e o acesso à educação? A proposição busca elucidar as contribuições sociais e o legado ancestral, especificamente das mulheres negras, moradoras do local da pesquisa, caracterizado como uma área periférica do município de Jaguaquara/BA, e como a ausência de políticas públicas impacta a qualidade de vida, a escolarização, as identidades, ampliando as desigualdades decorrentes dos estigmas sociais aos moradores desta localidade.

Nesse cenário, a proposta busca como objetivo principal trazer à luz as histórias de vida de indivíduos socialmente invisibilizados. Esses sujeitos desempenham um papel crucial na formação cultural, econômica e social do município, seja através de movimentos culturais que preservam o legado ancestral, suas relações com o mundo do trabalho ou outras categorias analíticas que compõem o tecido social. Um dos desafios marcantes da sociedade contemporânea consiste em assegurar que esses grupos considerados subalternos sejam ouvidos, já que frequentemente são relegados ao silêncio. Portanto, nossa proposta busca justamente valorizar suas contribuições.

É como se, em uma história de vida individual – e esse fenômeno ocorre de maneira semelhante em memórias construídas coletivamente –, existissem elementos irredutíveis nos quais o trabalho de solidificação da memória foi tão significativo que impediu a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, um

determinado número de elementos torna-se parte integrante da própria essência da pessoa, embora outros acontecimentos e fatos possam ser alterados em função dos interlocutores ou do movimento da fala (POLLAK, 1992).

O crescente movimento no campo das Ciências Sociais reflete o desejo de compreender os espaços e os sujeitos inseridos nesse contexto. Nessa perspectiva, valida-se a abordagem que olha para esses corpos não apenas enquanto corpos biológicos, mas sim como corpos marcados por fatores sociais e culturais. Assim, nas ciências humanas, discute-se a transição de paradigmas científicos, do positivismo para o olhar centrado nas subjetividades.

A pesquisa utilizou de diversas abordagens metodológicas e técnicas distintas de construção dos dados. Optamos pela abordagem qualitativa na realização de entrevistas com participantes, uma vez que ela não se baseia em critérios numéricos para garantir sua representatividade. Em um estudo, é necessário encontrar um ou mais indivíduos que estejam dispostos a fornecer informações peculiares sobre suas relações, costumes ou que possam esclarecer um fenômeno específico ou questão a ser explorada (CRESWELL, 2014).

O campo científico, "apesar de sua normatividade, é permeado por conflitos e contradições" (MINAYO, 2002, p. 10). Dessa maneira, considerando o desenvolvimento desta pesquisa, que possui uma natureza social e qualitativa, o objetivo é compreender as identidades, as relações de trabalho e os impactos no processo de escolarização das mulheres negras do bairro Cidade de Deus, explorando como essas dinâmicas são estabelecidas nas relações de grupos. Uma vez que o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo, a metodologia adotada é qualitativa, permitindo reconstruir teoricamente o significado e as representações desse fenômeno.

Esta pesquisa teve como base a "técnica de uma entrevista prolongada que apresenta as experiências e as definições vividas por uma pessoa, um grupo ou uma organização" (BOM MEIHY, 1996, p. 25), preocupando-se com as experiências e interpretações desses sujeitos, sendo eles colaboradores deste estudo ao qual serão relatadas as experiências do campo.

As técnicas utilizadas para a coleta de dados incluíram entrevistas semiestruturadas e História Oral de Vida, considerando a história oral como uma ferramenta apta a fornecer subsídios dentro dos limites da dimensão contemporânea. Essa abordagem se baseia em depoimentos gravados de atores sociais que recorrem à sua experiência e memória para recompor fatos acontecidos no âmbito de sua temporalidade (HAGUETTE, 2001, p.65).

Os critérios para a escolha dos sujeitos de pesquisa foram estabelecidos a partir da proposição do objeto central da pesquisa. Assim, foram selecionados mulheres e homens negros, residentes no bairro Cidade de Deus, no município de Jaguaquara/BA, com idades entre 20 e 90 anos, em conformidade com os procedimentos éticos na pesquisa.

Nesse sentido, surge a indagação: será que a exclusão dos grupos considerados invisibilizados socialmente ampliou as defasagens no processo de escolarização, comprometendo a emancipação e consequentemente, o acesso ao mundo do trabalho e as políticas públicas? Esta indagação estabelece uma conexão entre a presente proposta de pesquisa e as histórias de vida destes sujeitos, pois ambas se debruçam sobre categorias como trabalho, associado à memória, história e educação.

Portanto, não podemos ignorar as mazelas e invisibilidades enfrentadas nos espaços escolares e não escolares das populações periféricas, incluindo a falta de estrutura e garantia de acesso às políticas públicas. Essas questões são muitas vezes reforçadas por um discurso colonizador do currículo escolar, da educação para o trabalho, uma proposta neoliberal que vem sendo ideologicamente disseminada. Isso fragiliza a ascensão das classes sociais, deixando à margem a emancipação do sujeito social e reforçando as fragilidades presentes nas subjetividades desses atores sociais.

A Construção da Memória Coletiva em Territórios Marginalizados e Emancipação

A ideia de que no alvorecer da sociedade moderna, o homem se deslocou para o domínio da liberdade e da atividade na construção da ordem política e na

emancipação dos corpos, incluindo o comando sobre a natureza humana, parece plausível. Esse deslocamento possivelmente implicou na perspectiva das experiências históricas em que o homem estava imerso. Tais alterações estimularam as relações interpessoais, reformularam conceitos, avançaram em tecnologias e deram origem a novas expressões.

Assim, os sujeitos modernos embarcaram na busca pela emancipação absoluta de todas as formas de opressão, reivindicando conceitos, articulando cultura, política e economia com o intuito de construir de maneira inovadora, o pensamento decolonial.

A disputa por territórios sempre foi uma constante ao longo da história. No contexto histórico do Brasil, o domínio sobre os corpos foi estruturado a partir das categorias analíticas de raça, classe e gênero, resultantes do processo de colonização. Conforme argumentado por Machado (2004), o lugar do subalterno é caracterizado pela impossibilidade de agir, seja como trabalhador consciente de sua condição de classe ou como alguém incapaz de gerir as demandas de modernização dos novos Estados nacionais. Portanto, trata-se de uma figura moldada por discursos históricos de dominação, embora não seja desprovida da capacidade de desenvolver modos de leitura da história distintos daqueles produzidos pela elite.

Hall (1998) destaca que as mudanças estruturais em evolução na sociedade moderna estão levando à fragmentação, impulsionadas pelas novas construções culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Essas transformações estão reconfigurando as identidades pessoais, abalando a concepção tradicional de sujeitos integrados e resultando na perda de um "sentido de si" estável. Alguns estudiosos denominam essa condição de deslocamento ou descentração do sujeito, uma vez que, no passado, eram fornecidas localizações mais sólidas, o que não ocorre mais na contemporaneidade.

No que diz respeito aos processos atributivos e designativos da identidade, Poutignat e Streiff-Fenart (1998) afirmam que a identidade étnica consiste em examinar as formas como uma visão de mundo "étnica" se torna relevante para os

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



atores. Assim, a identidade étnica é fundamentada em uma concepção de si mesma, resultante de circunstâncias específicas. Hall (1998), por sua vez, postula uma concepção de identidade não fixa, unificada e estável, argumentando que os sujeitos assumem identidades diferentes em momentos distintos, todas elas ao redor de um "eu" coerente, porém em constante movimento. Hall destaca que não existe uma identidade prévia ou inata, mas sim processos de identificação que se constroem ao longo da existência, influenciados pelos diversos atravessamentos (marcadores da diferença) que constituem os sujeitos.

Neste contexto, Bosi (2004) sublinha que a estrutura do comportamento representa uma relação contínua entre a consciência e o mundo, jamais limitada por pontos finais. Ela atua como uma conexão entre o que foi vivido e o que ainda será, sendo, antes de tudo, uma expressão da memória.

Segundo Halbwachs (1990), a memória coletiva se constrói através das experiências compartilhadas e das narrativas sociais. Assim, as marcas indissociáveis da colonialidade simplesmente não se afastaram dos povos colonizados, tampouco foram esquecidas ou deixaram de ser praticadas. A colonialidade do poder penetrou de maneira incontestável em um intrincado conjunto de vozes contrárias à hegemonia política, econômica e cultural, resultado do neocolonialismo. Frantz Fanon (2008) demonstra que o colonialismo não se baseia apenas no período bélico e econômico das nações europeias, mas principalmente na diferenciação racial.

Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio no qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da noção civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritão, seu mato, mais branco será (FANON, 2008, p.34).

Diante dessa perspectiva teórica, torna-se mais compreensível a prevalência de que as normas elaboradas no contexto social buscam moldar sujeitos subalternos à dominação do Estado, destacando que a regulação tem como objetivo essencial que as pessoas operem sob narrativas históricas situacionais. Assim, a sociedade em seu estado natural se apresenta visivelmente

desumanizada, carente de socialização, das relações "Eu" e "outro", e das transmissões culturais. Para Hall (1998), a identidade é uma construção social, influenciada pelo contexto histórico e social.

Resistência e Esperança: Vozes de uma Comunidade Ignorada

Nas últimas décadas, as narrativas das pessoas que ali residem revelam uma realidade permeada pela escassez de serviços básicos, pela falta de infraestrutura e pela marginalização racial e social, decorrente do racismo estrutural que molda a vida das populações periféricas. Além disso, o bairro Cidade de Deus é um exemplo claro de como o racismo ecológico afeta diretamente as condições de vida de seus habitantes, impactando, inclusive, suas perspectivas de desenvolvimento sustentável.

A origem da comunidade no território jaguaquarense é marcado pelos atravessadores raça e classe, visto que a população residia as margens do rio até o fim da década de 90, apenas após as inundações do Rio Casca, onde as famílias perderam suas casas e objetos pessoais, foram construídas novas residências na parte superior da localidade, mesmo assim com condições mínimas para sobrevivência.

Os moradores da Cidade de Deus enfrentam inúmeras dificuldades relacionadas à falta de políticas públicas que atendam às suas necessidades. O acesso a serviços básicos, como saúde, educação e saneamento, é distante do bairro, espaços de lazer é inexistente. Os relatos revelam que a precariedade das condições de moradia, aliada à falta de investimento em infraestrutura, expõe os moradores a condições de vulnerabilidade. As ruas não são pavimentadas, a iluminação pública insuficiente e a ausência de sistemas eficientes de coleta de lixo e de abastecimento de água são recorrentes nas falas daqueles que vivem na comunidade.

Nesse sentido, um ângulo importante de análise sobre a desigualdade social é o da interseccionalidade, essa perspectiva nos permite atentar para a

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16A20
NOVEMBRO
DE 2024



associação dos múltiplos sistemas de subordinação que permeiam as relações sociais e definem os próprios processos de exclusão social (CRENSHAW, 2002).

Essa carência de serviços essenciais é fruto de uma política pública historicamente excludente, que marginaliza e negligência as comunidades periféricas. O Estado, ao longo dos anos, não tem sido capaz de implementar ações eficazes para promover a inclusão social dos moradores das periferias, perpetuando o ciclo de pobreza e violência estrutural. Essa ausência de políticas públicas não apenas limita o desenvolvimento das famílias residentes, mas também fortalece as disparidades sociais que caracterizam as periferias urbanas no Brasil.

O sistema educacional, por exemplo, reflete essa ausência, as crianças e adolescentes, dividem muitas vezes, a infância com o mundo do trabalho para ajudar na complementação da renda familiar. A taxa de escolarização entre a população acima de 15 anos é baixa, e a qualidade do ensino oferecido necessita ampliar as discussões no campo da interseccionalidade para romper o ciclo de exclusão. Além disso, a falta de oportunidades de lazer e cultura agrava ainda mais a situação, deixando os jovens expostos à violência e ao tráfico de drogas como possíveis "saídas" para a falta de perspectivas.

A realidade enfrentada pelos moradores da Cidade de Deus não pode ser dissociada do racismo estrutural que permeia as relações sociais no Brasil. O conceito de racismo estrutural se refere às práticas e políticas que, de maneira sistemática e institucional, perpetuam a discriminação e a marginalização das populações negras e pobres. Na Cidade de Deus, as consequências desse racismo são visíveis nas práticas cotidianas e nas políticas públicas que reforçam as desigualdades raciais.

Os moradores da Cidade de Deus são, em sua maioria, negros e pardos, historicamente alocados em espaços periféricos e desprovidos de recursos. As narrativas revelam que o racismo não se manifesta apenas de forma direta, por meio da discriminação explícita, mas também por meio das condições de vida a que essas populações são submetidas. O acesso limitado a direitos fundamentais,

como educação, saúde e segurança, é, em grande parte, determinado pela cor da pele e pela condição socioeconômica.

Além disso, a violência policial nas favelas é um dos aspectos mais perversos do racismo estrutural. A criminalização da pobreza, associada ao estigma racial, coloca os moradores da Cidade de Deus em uma situação de vulnerabilidade constante. Operações policiais violentas, que muitas vezes resultam em mortes de inocentes, são frequentes, reforçando o sentimento de insegurança e impotência da população local. A população negra e periférica é tratada como alvo preferencial das políticas de segurança pública, o que agrava ainda mais o cenário de exclusão social. Nesse sentido, Foucault (1992), “pressupõe com nitidez que o sujeito não é a condição do saber, mas que o saber acerca do sujeito é uma das formas históricas através das quais a experiência subjetiva é construída”.

Outro aspecto importante das dificuldades enfrentadas pelos moradores da Cidade de Deus é o racismo ecológico, um fenômeno que associa a discriminação racial à degradação ambiental. O conceito de racismo ecológico refere-se à alocação desproporcional de riscos ambientais às comunidades negras e periféricas, que vivem em áreas mais suscetíveis a desastres naturais, poluição e falta de saneamento básico. Na Cidade de Deus, esse racismo ecológico é evidente na forma como a comunidade é negligenciada em termos de infraestrutura ambiental.

Para Hall (1998), o racismo que atravessa as relações de classe é um elemento central na análise das violências sistêmicas que contribuem para as taxas de mortalidade fortemente diferenciadas em função do pertencimento social e racial.

A ausência de saneamento básico adequado e a disposição irregular de resíduos sólidos afetam diretamente a saúde dos moradores. Além disso, as áreas mais baixas e alagadiças da comunidade sofrem com inundações frequentes, agravadas pela falta de obras de drenagem e prevenção de enchentes as margens do rio Casca. Essa problemática é reflexo da ausência de políticas públicas a fim de melhorar as condições ambientais das áreas periféricas, o que

muitas vezes coloca em risco a saúde e o bem-estar dos habitantes das áreas periféricas.

A falta de espaços verdes e de lazer também impacta a qualidade de vida dos moradores. Esses espaços, são fundamentais para o desenvolvimento humano e social, são escassos ou inexistentes na Cidade de Deus, o que reforça a exclusão social e ambiental a que estão submetidos, estando diretamente ligado à negação de direitos básicos às populações negras e periféricas, perpetuando um ciclo de exclusão que afeta múltiplas gerações.

Considerações Finais

As dificuldades enfrentadas pelos moradores da Cidade de Deus são reflexos de uma estrutura social e política que perpetua a exclusão e a marginalização. A ausência de políticas públicas eficazes, o racismo estrutural e o racismo ecológico se entrelaçam, criando um cenário de vulnerabilidade extrema para as populações periféricas. As narrativas dos residentes revelam não apenas a precariedade material, mas também a luta cotidiana pela sobrevivência e pelo direito à cidadania plena. O enfrentamento dessas desigualdades exige, portanto, a implementação de políticas públicas inclusivas, que rompam com as lógicas de exclusão e promovam a equidade racial e social.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. – 3º. Ed. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos a gênero**. Revista Estudos Feministas, Vol. 10, N.1/2002.
- FANON, Franz. [1963]. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.



FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.**

São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 1990.

HALL, S. **Cultura e Identidade.** In: Hall, S. et al. (Org.). *Cultura e Identidade.* São Paulo: Loyola, 1997.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 10ª Edição. DP & A editora, 1998.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1992.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** CLACSO, 2005.

SCOTT, J. C. **Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance.** New Haven: Yale University Press, 1985.